

O TORÉ KARIRI-XOCÓ NA ALDEIA E NA CIDADE: PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO INDÍGENAS EM CONTEXTOS ESPECÍFICOS.

Manuela Machado Ribeiro Venancio¹
manumrv5@gmail.com

RESUMO: *O presente artigo é resultado de pesquisa etnográfica desenvolvida na aldeia Kariri-Xocó e em cidades dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. No trabalho de campo, realizaram-se observação participante, entrevista, anotação em diário de campo e registro audiovisual. O foco da pesquisa foi as relações sociais entre os Kariri-Xocó e aquelas estabelecidas no contato interétnico. O Toré se apresentou como um importante marcador da diferença comunicado pelos Kariri-Xocó nas retomadas de suas terras e em espaços urbanos. A base teórica do texto são os estudos sobre povos indígenas do Nordeste: Grünewald (2005); Mata (2014) e Oliveira (2005); etnicidade (BARTH, 2000) e formas de resistência indígena (ALARCON, 2013; SANTOS, 2009).*

Palavras-chave: *Indígenas do Nordeste. Toré. Etnicidade. Resistência indígena.*

ABSTRACT: *This article is a result of an ethnographic research, which was developed in the Kariri-Xocó village and in the cities of the state of São Paulo and Rio de Janeiro. During the fieldwork, participant observation, interviews, diary annotation and audiovisual recording were carried out. The focus of the research was the social relations among the Kariri-Xocó and those in interethnic contact established. The Toré presented itself as an important marker of difference communicated by the Kariri-Xocó in the retaking of their lands and in urban spaces. The theoretical basis of the text are the studies about indigenous peoples of the Northeast: Grünewald (2005); Mata (2014) and Oliveira (2005); ethnicity (BARTH, 2000) and forms of indigenous resistance (ALARCON, 2013; SANTOS, 2009).*

¹ Graduação em Ciências Sociais (Universidade Federal de Santa Catarina), mestrado em Antropologia (Universidade Federal da Bahia) e doutorado em Antropologia (Universidade Federal Fluminense)

Keywords: *Indigenous people of the Northeast. Toré. Ethnicity. Indigenous resistance.*

Figura 1 - Toré na interdição da AL 225.



fonte: VENANCIO (2018, p. 214).

INTRODUÇÃO

Pesquisadora: Agora o Toré é um ritual?

Pajé Júlio Queiroz Suíra: [...]. Ele é o ritual também, porque o Toré, nós temos o Toré, a dança do Toré para muitos fins, compreende. Temos para apresentar para o branco, dança; temos para chamar chuva, temos para a guerra, temos para decidir alguma determinação nossa. O Toré ele representa tudo isso. Agora, no momento que a gente esteja precisando, sabemos definir: canto, dança e tudo. [...]. [O Toré] é o que nós podemos apresentar. Agora, o ritual da gente mesmo [praticado no Ouricuri], não podemos apresentar nada. Nem dar nome de nada. [...]. Isso é para nosso conhecimento. (VENANCIO, 2018, p. 123).

Neste artigo, procura-se discorrer sobre as relações sociais dos Kariri-Xocó no âmbito da aldeia e no contato interétnico com o não indígena, seja durante uma retomada de terra, seja quando fora da aldeia para apresentar o Toré em escolas, universidades e/ou em centros

culturais urbanos. São apresentados no artigo a seguir, dados etnográficos elaborados com base em trabalho de campo de doutorado realizado em 2016 e 2017, na aldeia Kariri-Xocó, município de Porto Real do Colégio e em cidades do interior de São Paulo e no estado do Rio de Janeiro, onde alguns Kariri-Xocó se fazem presentes, morando na “cidade grande” ou por motivos de viagens anuais a trabalho, em que permanecem um período distante da aldeia.

No desenvolvimento do campo, é que se deram as observações participantes e os registros em diários de campo, aqueles gravados em entrevistas e os fotografados pela pesquisadora.

Destaca-se o Toré como especificidade cultural central na comunicação e produção da diferença entre Kariri-Xocó e não indígenas. Autores afirmam, a exemplo de Oliveira, que: “Como uma performance política, é no toré que se realiza mais plenamente uma demarcação identitária [...]” (2005, p. 10). Grünewald considera que: “Como sinal diacrítico, o toré já manifesta, em sua existência, a oposição [...]” (2005, p. 25). E Nascimento afirma:

Assim, de fato, o toré, como um todo, funciona como um sinal diacrítico, na qualidade de um ritual indígena – todavia reduzido, na “representação”, a uma dança – que, se apresenta aos não-índios, os quais costumam exigir de índios que estes apresentem seus rituais tradicionais, de acordo com seu próprio imaginário do que deva ser um índio. (NASCIMENTO, 2005, p. 48, grifos do autor).

Desse modo, o Toré é visto enquanto uma especificidade cultural dos indígenas do Nordeste², definido como um sinal diacrítico (BARTH, 2000, p. 32), comunicado em diferentes contextos, como se verá mais adiante. Por ora, será contextualizado o cenário etnográfico da pesquisa.

Às margens do Rio São Francisco e entrecortado pelas estradas BR 101 e AL 225, está localizado o Território Indígena Kariri-Xocó, município de Porto Real do Colégio (Alagoas). Em 2016, foi dado início ao trabalho de campo de doutorado na aldeia Kariri-Xocó³, onde a pesquisadora Manuela Venancio permaneceu por alguns meses na residência do casal indígena: Dona Carminha e Seu Antônio⁴. A circulação de pessoas na casa era frequente: netos/as,

2 Ver Toré: regime encantado do índio do Nordeste, organizado por Rodrigo Azeredo Grünewald (2005)

3 Resultou na tese de doutorado *Os Kariri-Xocó do Baixo Rio São Francisco: organização social, variações culturais e retomadas das terras do território de ocupação tradicional*, defendida em 2018, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES. Cabe dizer que o presente artigo apresenta dados e análises etnográficas da Tese, de modo mais específico, do capítulo 3 Ouricuri e Toré Kariri-Xocó.

4 A pesquisadora também realizou observação participante com alguns Kariri-Xocó residentes na cidade de São Paulo. Estava interessada em estudar as interações sociais entre os próprios Kariri-Xocó no âmbito da aldeia e as relações sociais provindas do contato desses indígenas com os não indígenas fora da aldeia. Em

filhos/as, sobrinhos/as e demais crianças visitavam diariamente o casal. Uma vez, apareceu um grupo de meninas e meninos que correu para o quintal, acendeu uma fogueira, fez tinta com carvão para se pintar e começar a dançar Toré. Cabe dizer que na presença da pesquisadora, essas crianças transmitiam conhecimento indígena apreendido e ensinado entre gerações (VENANCIO, 2018, p. 23).

Tal cena indicava a relevância do Toré, não somente dentro da aldeia, mas na relação interétnica dessas crianças com a pesquisadora “cabeça seca”, ou seja, uma mulher não indígena e não conhecedora dos saberes rituais Kariri-Xocó.⁵ Desse dia em diante, a pesquisadora observou e participou do Toré em diversas outras situações: 1) no sepultamento de indígenas na aldeia; 2) nas noites no terreiro da Fazenda, pedaço de terra indígena retomado pelos Kariri-Xocó; 3) nos resultados das eleições municipais de 2016 em que dois Kariri-Xocó foram eleitos⁶; 4) em contextos urbanos nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Os exemplos referem-se ao Toré realizado na contemporaneidade, todavia, a datação desses cantos e danças Kariri-Xocó é secular⁷: no contato com os jesuítas; com o Imperador de Portugal; com os agentes do Serviço de Proteção aos Índios (SPI); entre outros. A citação a seguir apresenta esses momentos:

[...] Conta o cacique Cícero Irecê Kariri-Xocó que os índios de Colégio fizeram sua primeira apresentação aos jesuítas no século dezesseis. Uma outra apresentação de que se tem notícia se deu em 16 de outubro de 1859, por ocasião da chegada do Imperador D. Pedro II à aldeia de Colégio, com cantos e danças conduzidos pelo chefe tribal Manoel Baltazar. Contam os mais velhos que o toré foi tão comovente que emocionou o Imperador, que passava pelo rio São Francisco, em visita à cachoeira de Paulo Afonso. Em outra ocasião, os indígenas de Colégio fizeram uma apresentação do toré para o antropólogo Carlos Estevão de Oliveira, em 7 de abril de 1935, na Rua dos Índios. No período da criação do posto indígena, em 1944, os índios de Porto Real do Colégio fizeram uma apresentação do toré na presença do agente Cícero Cavalcante de Albuquerque do SPI [...]. Uma coisa inédita entre os Kariri-Xocó foi a viagem a Aracaju, em 1973, para fazer uma apresentação do toré, registrada pela TV Sergipe. (NHENETY KARIRI-XOCÓ, 2013, p. 64-65).

outras palavras: pesquisaram as relações intra-aldeia e interétnica, sendo que o Toré se apresentou como uma especificidade cultural de extrema relevância nos contextos de dentro e de fora da aldeia.

5 De modo mais específico: o Ouricuri realizado secretamente em uma mata do território indígena, espaço restrito aos indígenas.

6 Ver Venancio (2018; 2019).

7 O vocábulo “Toré” quer dizer “canto sagrado.” Conforme Pawanã: to=canto + ré=sagrado. Acompanhado do canto há as danças. Desse modo, canto e dança formam o Toré.

Nas narrativas e nos depoimentos indígenas ouvidos durante o trabalho de campo, bem como nas fontes bibliográficas consultadas (MATA, 2014, p. 172 - 199; MOTA, 2005, p. 180-184; HOHENTHAL, 1960, p. 63-65), os rituais do Toré e do Ouricuri são primordiais à vida social, política e cultural Kariri-Xocó (VENANCIO, 2018, p. 101). Enquanto o Ouricuri é limitado ao espaço sagrado da aldeia e aos indígenas, já que é proibida a presença do “cabeça seca”, o Toré é realizado dentro e fora da aldeia em que pode haver ou não a autorização dos Kariri-Xocó para o não indígena participar. Desse modo, o Toré pode ser classificado em “público” e “privado” (GRÜNEWALD, 2005, p.16)⁸. Todavia, a pesquisadora opta por recorrer a um termo nativo ouvido em uma entrevista de campo: “Toré oculto” que, conseqüentemente, desencadeou em sua oposição, denominado de Toré não oculto:

Lulu Taruanã: O Toré são cantos que a gente canta. Têm cantos que podem você vê e outros que não.

Pesquisadora: E esses cantos são sagrados?

Lulu Taruanã: Sagrados.

Pesquisadora: Mesmo os abertos?

Lulu Taruanã: É oculto, é oculto. Os abertos a gente canta, por exemplo, chega [em] uma escola pública ou particular, a gente canta esses cantos. Agora existem outros cantos que são bem profundos que nem você vê, Manuela! [...]

Lulu Taruanã: [O sagrado] é coisa oculta. Só pode receber, só entre nós. Não pode ser revelado.

(VENANCIO, 2018, p. 122)

Assim, conforme o trecho acima, o Toré oculto é restringido ao espaço sagrado do Ouricuri em que se fala um “idioma fechado”: “palavras e cantos falados só entre nós. Só ocorre no Ouricuri, não pode ser em outro canto de jeito nenhum”, segundo pajé Júlio.⁹ Em contrapartida, há o idioma aberto em que são cantadas letras que comunicam ao não indígena acontecimentos históricos marcantes para o povo Kariri-Xocó. Um exemplo é o canto do Maruanda:

Maruanda foi um cara, que na época dos jesuítas, importantíssimo. Na época dos jesuítas, Maruanda, ele ficava de vigilante. Os índios iam praticar o ritual, Maruanda ficava vigiando os jesuítas, se eles vinham para o ritual. Quando os jesuítas vinham para cá para o ritual, sempre Maruanda assobiava, fazia alguma coisa para os índios pararem, para os jesuítas não verem. Aí, quando foi um dia, aí Maruanda estava debaixo de um pé de Juazeiro, ali olhando... os índios dançando, fazendo o ritual deles, né, e o Maruanda olhando para o horizonte, aí foi

⁸ Para fazer essa consideração, Grünewald menciona Hohenthal Jr. (1954).

⁹ Ver Venancio (2018, p. 122).

embora dormir. Aí, os jesuítas chegaram, pegaram os índios: “desça tudo para o Colégio”. Aí, foram, apanharam. Aí, os índios tiraram esse toré: “Vadiemos Maruanda”. Maruanda estava vadiando, brincando, brincou [de] dormir”, disse Nhenety.¹⁰

Os Kariri-Xocó definem o Toré de maneira “multissemântica” (GRÜNEWALD, 2005, p. 13), pois, quando conversaram com a pesquisadora, esses indígenas o definiram como: (i) “tradição”; (ii) “cultura”; (iii) “canto sagrado”; (iv) “dança”; (v) “identificação do povo”; (vi) “resistência”; (vii) “união”. Vejamos algumas frases que ilustram tais noções:

- (i) No “Toré está o nosso tempo de existência. [...]. O canto pode nascer agora, como pode ter nascido há anos. Ele já nasce desde o começo do mundo”, disse Pawanã;
- (ii) O “mais importante da nossa cultura é o Toré. O mais importante! Porque são cantos e danças. É de onde nasce toda a cultura indígena: é dos cantos e das danças”, falou Wyray;
- (iii) “Deus já deixou essa inteligência [o Toré] para a gente”, afirmou a indígena Maria do Carmo. (VENANCIO, 2018, p. 120-121).

Portanto, o Toré comunica a diferença entre os Kariri-Xocó e os “cabeça-seca” e, consequentemente, o configura enquanto um “regime de índio” em que há a afirmação da identidade étnica. Grunewald ao se referir ao Toré e, especificamente, aos Atikum considera:

E foi justamente no entorno de uma teoria da prática, que elegi a noção nativa Atikum de regime de índio como operador conceitual para a atualização prática da cultura nativa, ou mais especificamente, de suas tradições étnicas – é a instância prática que vai recodificar (traduzir) a autoctonia para a indianidade na medida em que ser índio é um movimento pós-contato colonial (2005, p. 24, grifo do autor).

O autor segue em sua consideração: “os regimes de índio criados em torno dos torés são próprios a cada um dos grupos e carregam sentidos intrínsecos, exclusivos alguns e compartilhados outros [...]” (2005, p. 24).

GRUPOS DE APRESENTAÇÃO RITUAL KARIRI-XOCÓ

Os contextos mobilizadores do Toré Kariri-Xocó são diversos, bem como suas plateias são distintas (PEREIRA, 2011, p. 583): há situações socioeducativas em que esses indígenas

¹⁰ Ver Venancio (2018, p. 122).

se apresentam em universidades e escolas; em outras, o Toré se faz presente em espaços culturais dos grandes centros urbanos, a exemplo dos SESCs de São Paulo e do interior do Estado. Em cada um desses contextos, diversos indígenas Kariri-Xocó realizam o Toré por meio da formação de “grupos de apresentação ritual” (VENANCIO, 2018, p.129-130).

O Toré Kariri-Xocó fora da aldeia é apresentado sobretudo no denominado “Dia do Índio”. Nesse mês (abril) muitos Kariri-Xocó se preparam para viajar, pois há bastante procura das escolas por esses grupos. Assim, é um momento único para falarem da cultura Kariri-Xocó:

Quando a gente apresenta o nosso canto lá fora, a gente apresenta de uma forma conscientizando o não índio, ver e sentir que nós fazemos parte de uma cultura, né, por ser índio. Que essa cultura ela é antiga, ela vem de geração em geração. (RYAKONÃ, citado por VENANCIO, 2018, p. 137).

Hoje em dia, muitos Kariri-Xocó deixam permanentemente a aldeia para se apresentarem na “cidade grande”: São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, entre outras, e até mesmo fora do país. Há ainda aqueles/as indígenas que passam a morar nos grandes centros urbanos para trabalhar ou estudar. Seja para uma permanência de um mês ou por anos, os Kariri-Xocó formam grupos de apresentação ritual do Toré por meio de laços de parentesco: filiação unilinear (matrilinear ou patrilinear) composta por irmãos/as, primos/as, tios/as, sobrinhos/as, pais e filhos/as. São inúmeros os grupos de apresentação ritual do Toré. Procurou-se fazer o levantamento de alguns grupos. A tabela a seguir ilustra:

Grupos de apresentação ritual do Toré	Significado dos nomes dos grupos
<i>Caça-feita</i>	Pessoa adulta com conhecimento espiritual e medicinal Kariri-Xocó.
<i>Dikanguiqueré</i>	Cantigas mágicas.
<i>Dzubukuá</i>	Os Kariri da Ribeira, isto é, do Baixo São Francisco.
<i>Kaxagó</i>	Nome de uma etnia indígena.
<i>Paratinga</i>	Para = rio; tinga = sobrenome do cacique do grupo.
<i>Sabuká</i>	Galinha ou galo.
<i>Subatekié</i>	Conhecimento.

<i>Soyré</i>	Povo de tradição: cantos, rezas e artesanato.
--------------	---

Fonte: VENANCIO (2018, p. 130).

Segundo os Kariri-Xocó, cada grupo de apresentação tem um “cacique” e um “pajé”, contudo esse não anula o papel espiritual do “pajé geral”, muito menos o papel político do “cacique geral” do povo Kariri-Xocó. Conforme explicaram, é necessário “ter cacique de grupo [para haver] uma hierarquia cultural. Tem que ter alguém responsável”. Desse modo:

Esses caciques são caciques de grupo para viajar, não são reconhecidos aqui [na aldeia] como cacique. São reconhecidos como índio. Agora lá fora [é] para poder o branco entender que o cacique é aquele que está ali.¹¹

Os caciques dos grupos de apresentação ritual do Toré são os líderes na comunicação com o não indígena. Para os Kariri-Xocó, o cacique do grupo é “aquela pessoa inteligente que leva o grupo com êxito em alguma coisa.” Uma de suas funções é a de conseguir recursos para seu povo indígena, como alimentos e roupas para a aldeia. Pawanã, líder do grupo Sabuká, explica que, em tempos remotos, os Kariri-Xocó formavam grupos para caça e pescaria em que cada indígena assumia um papel: “o que escutava melhor, o que percebia melhor, o que atirava mais ligeiro, o que podia se defender, entendeu?”.

Pawanã afirma que a escolha de indígenas para participar de cada grupo de apresentação ritual do Toré “ainda é como nossos antepassados”, portanto, de acordo com as demandas sociais e os seus contextos atuais. No caso de Pawanã, ao selecionar pessoas de seu tronco familiar para compor o Sabuká, leva em consideração a percepção desse indivíduo, porque conforme ele: “a cidade grande é muito perigosa... que consiga perceber que ali pode [acontecer] algo ruim com a gente”. Ou ainda, algum indígena que tenha conhecimento de ervas medicinais, pois esses grupos realizam curas espirituais e/ou pajelanças.

O NORDESTE INDÍGENA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dos grupos de apresentação ritual do Toré, a pesquisadora acompanhou de perto o Caça-Feita no Rio de Janeiro e o Sabuká em Campinas. Cabe considerar que tais grupos apresentam diferenças entre si: enquanto o Caça Feita foca mais na venda dos “artesanatos” indígenas e no Toré, o Sabuká, ao estar em universidades e escolas, transmite um discurso étnico-político

11 Ver Venancio (2018, p. 132-134).

para reivindicar o direito às retomadas das terras Kariri-Xocó.¹² A seguir será discorrido sobre o grupo Caça Feita em sua ida à “cidade maravilhosa”, pois o trabalho de campo com este grupo nessa localidade possibilitou observações relevantes em relação ao Toré e às interações sociais entre indígenas do Nordeste e “cabeças secas”.

O Caça Feita é liderado por Kayrrá que há muitos anos pediu licença ao pajé do povo Kariri-Xocó – Júlio Queiroz Suíra – para deixar a aldeia e ir morar em São Paulo com o objetivo de “melhorar de vida” e “ajudar sua família”.¹³ A figura do pajé é demasiadamente importante:

O pajé é o pai de nós todos. O pajé está aqui para orientar, indicar nós para o bem. O pajé libera, explica como é, como andar no meio do mundo, né?! Tem o apoio dele. Porque ele [“índio”] chega lá [na cidade], ele vai trabalhar, né, em benefício da nossa [aldeia]. (VENANCIO, 2018, p. 129).

Dentre os diversos lugares pelos quais Kayrrá andou no “meio do mundo” está a cidade do Rio de Janeiro, em 2016 - período do Jogos Olímpicos. Esse indígena mantém laços de amizade com Tamikuã Pataxó que, assim como ele, mora no estado de São Paulo. Alguns parentes indígenas de Tamikuã vivem no Rio de Janeiro, mais especificamente em uma “aldeia vertical”¹⁴, em que receberam a pesquisadora e os indígenas Kariri-Xocó por alguns dias em seus apartamentos. Durante a hospedagem, a pesquisadora observou e participou de situações etnográficas:

- 1) Todos os dias e à noite, quando alguns indígenas de etnias diferentes se reuniam no apartamento de Pacari Pataxó ou no do Arassari Pataxó para conversarem, jantarem ou assistirem à televisão;
- 2) Quando os Kariri-Xocó: Kayrrá, Tawy e Wiryçar¹⁵ reuniram-se no apartamento de Pacari Pataxó e começaram a cantar e dançar o Toré. O som se propagou pelos andares da “aldeia vertical”. Eram audíveis os maracás, o imitar dos cantos dos pássaros

12 Para maiores informações ver “Discurso de Pawanã a alunos de uma escola no estado de São Paulo” (VENANCIO, 2018, p. 234-237).

13 Ver Venancio (2018, p. 129).

14 Dentre os diversos prédios construídos por meio do Programa Minha Casa Minha Vida, no antigo Presídio Frei Caneca, bairro Estácio, condomínio Zé Ketí, há o bloco quinze destinado aos indígenas da Aldeia Maracanã. Nesse bloco há diversas etnias que moram ali, entre elas, a Pataxó. Por morarem em um conjunto habitacional, recorrem ao emprego da palavra “aldeia vertical”, como uma “alusão à vida vivida em um prédio” (VENANCIO, 2018, p. 141). A pesquisadora ouviu este termo “aldeia vertical” em uma conversa entre dois indígenas.

15 Nessa ocasião o grupo *Caça Feita* era formado por esses três homens da etnia Kariri-Xocó.

e os pés batidos no chão para dançarem e ritmarem o Toré. Os cantos eram tanto os compostos pelos Pataxó como os de autoria Kariri-Xocó;

- 3) Além do Toré, esses indígenas conversavam entre si, sempre fumando o paewí e/ou timbeiro.¹⁶

Ao estarem no Rio de Janeiro, esses Kariri-Xocó, em companhia das indígenas Tamikuã e Aroeira Pataxó, trabalharam bastante na venda dos “artesanatos” indígenas: colares, brincos, cocares, arco e flecha, pulseiras, maracás, lanças, apito, cachimbos, etc. Os locais de venda foram o Calçadão de Copacabana, a cidade de Lumiar, na região serrana do Rio de Janeiro e na Fundação Progresso. Nesse último espaço ocorreu o “Festival de Cultura Indígena”¹⁷, em que houve o encontro de diversos grupos indígenas do Brasil.

Ao chegar ao Festival, Kayrrá cumprimentou e conversou com outros indígenas que o conhecia por participar de eventos semelhantes. No Festival, havia a venda de produtos indígenas e aqueles que quisessem se apresentar ao grande público (formado por indígenas e não indígenas) poderiam fazê-lo. Foi então que os Kariri-Xocó (Alagoas), os Pataxó (Bahia) e os Fulni-ô (Pernambuco) apresentaram o Toré.

Figura 2 - Toré no Festival de Cultura Indígena.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

A presença desses indígenas nordestinos, em um espaço urbano importante na cidade

¹⁶ Os Kariri-Xocó utilizam o termo *paewí* e os Pataxó denominam *timbeiro*. Ambos se referem ao cachimbo que pode ser fumado com as ervas: Mescla, Velandinho e Imburana.

¹⁷ Organizado em parceria com a “Associação Indígena Aldeia Maracanã” e por demais instituições.

do Rio de Janeiro, possibilita algumas considerações: 1) por meio do Toré, os Kariri-Xocó, Fulni-ô e Pataxó sinalizaram e comunicaram aos “cabeças secas” um importante marcador da diferença étnico-cultural; (2) a afirmação da indianidade nordestina aos demais indígenas ali presentes que, porventura, questionem tal identidade étnica. Essa proposição é feita devido ao relato de Tawanã Kariri-Xocó que afirma que há muitos anos já ocorreu de os “índios do Nordeste” não serem aceitos pelos demais indígenas por existir “uma diferença” entre eles. Tawanã se refere ao termo “diferença” para correlacioná-lo à ideia de “mistura” atribuída aos índios do Nordeste (OLIVEIRA, 1998, p. 52). Desse modo, conforme Tawanã: “a pessoa é uma loira, né, mas é uma loira que tem a mistura com um negro e índio. Aí, é onde o índio canta, dança [o Toré] que desperta aquilo [na pessoa que tem “sangue indígena”].

Por fim, uma cena chamou a atenção da pesquisadora durante o Festival: ao andar pela Fundação Progresso, viu Kayrrá, Tawy e Wiryçar conversarem com uma jovem que afirmava ser Kariri-Xocó. A questão é que esses indígenas não a conheciam. Assim, para tentarem identificar se essa moça era ou não Kariri-Xocó, indagaram-na sobre: (i) o nome do seu pai e de sua mãe; (ii) se ela sabia a língua indígena; (iii) e se conhecia um dos cantos Kariri-Xocó. Logo, para esses indígenas existem critérios de pertencimento étnico pautados no: (i) parentesco; (i) Ouricuri e (iii) Toré. Afirmam que “criança até adulto sabe cantar o Toré. Pode ficar dez anos longe da aldeia que sabe cantar o Toré”.¹⁸

O TORÉ NAS RETOMADAS DE TERRAS KARIRI-XOCÓ

À época do trabalho de campo da pesquisadora, algumas áreas do Território Indígena eram ocupadas por não indígenas. Por isso, os Kariri-Xocó se mobilizaram para retomá-las. Para tanto e de modo prévio, os Kariri-Xocó recorreram ao Ouricuri por ser um espaço sagrado, longe dos olhares dos “cabeças secas” e ao Toré.

Pode-se, por meio das falas nativas, conceituar “retomada” como uma ação de recuperação do território de ocupação tradicional Kariri-Xocó. (VENANCIO, 2018, p. 168). Desse modo, a indígena Josete afirma que retomada “é pegar o território tradicional”. Para a indígena Valdete: “Nós estamos retomando o que é nosso”. Ou ainda, segundo o indígena Manuel: “Nós não tomamos nada de ninguém. Nós entramos numa área que é nossa. Agora como foi ocupada muito tempo, muitos anos pelo branco, [...] aí ficou o branco usando”. Portanto, as retomadas fazem parte do processo de territorialização desse povo indígena nordestino (VENANCIO, 2018, p. 165)¹⁹.

18 Para mais referências de situações etnográficas do grupo *Caça Feita* no estado do Rio de Janeiro ver Venancio (2018, p. 140-152).

19 Ver Venancio (2018, capítulo 4) para entender o processo de territorialização Kariri-Xocó e saber a respeito

A definição Kariri-Xocó de retomada assemelha-se àquela dos povos indígenas nordestinos Xukuru (SANTOS, 2009) e Tupinambá de Olivença (ALARCON, 2013): “[...] a ação de ocupar terras tradicionais, ou seja, que pertenciam a seus antepassados e que foram expropriadas por fazendeiros.” (SANTOS, 2009, p. 23). Entende-se a retomada Xukuru como “uma estratégia política [...] para solucionar os conflitos relativos à posse da terra”. (SANTOS, 2009, p. 57).

Segundo Daniela Alarcon (2013, p. 1): “em uma definição preliminar, pode-se afirmar que as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas e que se encontravam em posse de não-índios”. Assim, as retomadas de terras devem ser vistas dentro de “um quadro da resistência indígena [...] como formas de ação específicas” (grifo da autora, *ibidem*, p.16) frente “à expropriação fundiária e de recuperação territorial” (*ibidem*, p. 1).

Será relatada, de modo breve, uma retomada de terra, observada pela pesquisadora em 2017. O local a ser retomado pelos indígenas era a chácara Menina do Rio e propriedades contíguas²⁰. Assim, no dia 05 de junho de 2017, logo cedo, cerca de seis homens começaram a entoar o Toré. Aos poucos, outros indígenas se juntavam. Um dos homens preparou tinta que seria utilizada em seus corpos. Dentre as justificativas para a pintura corporal estava a de que simboliza o momento de guerrear, além de comunicar e afirmar a identidade étnica coletiva.

De corpos pintados, um grupo formado por dez a quinze homens saiu da Fazenda e seguiu para a “pista²¹” AL 225 para interditá-la por volta das oito horas. A altura para o bloqueio foi estratégica, isto é, ocupada da altura do portão de entrada da chácara até a casa de uma família Kariri-Xocó que fica na beira da “pista” AL. Essa casa serviu de base de apoio ao movimento da retomada. Para o bloqueio da “pista”, os homens fizeram uso de toras de madeira e arbustos de árvores. Em cada ponta da área interditada, havia homens indígenas como vigias para impedirem a passagem dos “cabeças secas”. Enquanto um grupo de homens Kariri-Xocó controlava a circulação de não indígenas no perímetro interditado, outro grupo formado por homens começou a dançar e cantar o Toré. Deslocavam de uma ponta a outra da “pista” fechada por eles. Muitos cantos do Toré foram entoados, entre eles: “Kariri-Xocó Sabuká”, “Urubu de Serra Negra”, “Piriquitinho”, “Dança-boi”; “Guerreiro índio”.

Ao longo do dia, mais Kariri-Xocó apareceram para apoiar o movimento formado por homens, mulheres, crianças e adolescentes.

Em um determinado horário foi preparado o almoço por algumas mulheres. Aqueles que

das diversas retomadas Kariri-Xocó.

20 Os Kariri-Xocó reclamavam da morosidade da justiça em marcar uma audiência para decidir a homologação da Terra Indígena Kariri-Xocó.

21 Termo nativo.

estavam horas na reivindicação de seus direitos constitucionais em relação à Terra Indígena, puderam comer e repor as energias para continuarem firmes na luta da retomada.

Ao entardecer, os homens se reuniram para decidir se haveria mesmo a retomada da Menina do Rio e como iriam proceder para efetuarem tal ação. Mas antes, às 17h38min, liberaram a “pista”. As mulheres se retiraram da estrada e um grupo formado apenas por homens entoou mais um Toré para fortalecê-los e protegê-los. À noite, a chácara Menina do Rio estava finalmente retomada pelos Kariri-Xocó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos parágrafos anteriores foram evidenciados os contextos sociais e políticos em que o Toré Kariri-Xocó é produzido e comunicado na relação para com o não indígena. No contexto das retomadas de terras, o Toré é “como uma performance política, [...] que se realiza mais plenamente uma demarcação identitária” (OLIVEIRA, 2005, p. 10). Além disso, assume uma condição ritual em que pelo canto e pela dança há uma comunicação com o sagrado em que pedem a Warakidzã (Deus) e às demais entidades sagradas proteção, força e resistência nas retomadas das terras, sobretudo, se considerarmos que pode haver conflitos, inclusive armados, entre os indígenas e os “cabeças secas”, como já ocorreu na retomada do Cercado Grande.

Ao retomarem um pedaço de terra, os Kariri-Xocó mantêm-se firmes na entoada da tradição do cantar e do dançar. Em uma noite, na Fazenda retomada, a pesquisadora observou o Toré durante horas e foi convidada para dançar²². Descreve-se a seguir o que denominamos como “cenas rituais” no contexto da retomada²³:

Cena 1:

A maraca anuncia que o Toré irá começar²⁴. Dois círculos são formados: o primeiro,

22 Na segunda etapa do trabalho de campo em 2017, a pesquisadora dormiu algumas noites em uma fazenda retomada pelos Kariri-Xocó. O Território Indígena é oficialmente demarcado, contudo, não homologado, favorecendo a presença de ocupantes não indígenas que constroem propriedades em tal área. Com o objetivo de retirarem os “cabeças secas” da Terra Indígena e na tentativa de pressionarem a esfera judiciária para a homologação da T.I, os Kariri-Xocó retomaram um pedaço de terra denominado por eles de Fazenda.

23 Conforme descrito em Venancio (2018, p. 124-125).

24 Segundo Nascimento (2005, p. 40, grifo do autor), a maraca ou o maracá “trata-se de um objeto ritual cercado de reverências e que simboliza a sua *indianidade*”. Para os Kariri-Xocó: “O instrumento musical maracá é tocado de acordo com os batimentos cardíacos do coração, respeitando e seguindo o ritmo da vida. Quem traz a maracá na mão está com o planeta Terra em miniatura [...]. Girar esse instrumento na mão é movimentar o mundo, trazendo o dia, a noite, a mudança das estações. Os círculos dos movimentos da dança representam a circunferência da Terra, do Sol e da Lua, a aldeia, a maloca, o círculo da vida” (NHENETY KARIRI-XOCÓ, 2013, p. 65, livro organizado por Ulysses Fernandes).

só por homens; o segundo, por mulheres que circundam o grupo masculino. Dois homens se posicionam, são os puxadores que comandam o canto que será respondido em coro pelos demais índios na roda. O toque da maraca, as vozes e os pés batidos no chão do terreiro é que dão o ritmo. Os puxadores é que guiam a dança: os círculos são desfeitos e forma-se uma fila em que homens e mulheres seguem em direção a uma fogueira. Ao redor do fogo formam um novo círculo, em seguida desfazem o movimento para em fila retornarem ao ponto em que o iniciaram. Um novo círculo é formado. Minutos depois, finalizam.

Cena 2:

A formação vista na cena anterior é desfeita, isto é, mudam-se os puxadores e o tocador da maraca, mas o movimento circular é mantido, sempre com os homens no círculo interno (isto é, de dentro da roda) e as mulheres e as crianças no círculo externo (isto é, de fora da roda). Não são todos os Kariri-Xocó que nesse momento querem participar do Toré, portanto, ficam sentados contemplando a apresentação. Aqueles que estão cantando e dançando formam uma fila em direção às pessoas sentadas em frente aos barracos da retomada. Os anciãos são cumprimentados, alguns se levantam em forma de respeito.

O grupo que dança e canta se concentra por alguns segundos ao redor ou à frente dos antigos. Após a reverência aos mais velhos, seguem em fila em direção a outros barracos para cumprimentar os demais Kariri-Xocó. Posteriormente vão em direção à fogueira, circundam-na. Em seguida, desfazem o círculo para formarem outra vez uma fila que seguirá em direção ao ponto em que foi iniciado o Toré. Novamente dançam em círculo. Minutos depois, encerram.

Já no contexto urbano, ou seja, sobre os grupos de apresentação ritual do Toré, mobilizam “marcadores diacríticos que os diferenciem dos não índios em termos de pertencimento étnico: pinturas corporais, cocares, vestimentas, cantos, danças” (VENANCIO, 2018, p. 134). Nessas situações de contato com o “cabeça seca” na cidade, o Toré é o principal conteúdo cultural transmitido aos não indígenas. Os Kariri-Xocó consideram que, por meio da apresentação ritual do Toré, é possível ensinar aos “cabeças secas” sobre essa cultura autóctone nordestina e sensibilizá-los para a causa indígena. Por exemplo: o grupo Caça Feita, sob a liderança de Kayrrá, na cidade de Lumiar (Rio de Janeiro), abordou a temática do preconceito contra indígenas, de que o “Brasil não foi descoberto, o Brasil foi invadido” e, por isso, os indígenas são os habitantes originários do país.

Outro exemplo é que, um dia, Kayrrá ao falar sobre sua trajetória de vida que está relacionada com sua ida para morar em São Paulo, recorreu a um canto indígena: “quando saí da minha tribo pedi licença para meu pajé. Nesse mundo de Deus, aprendi e ensinei, mostrando a tradição e fazendo a união. Canta índio, eu sou um índio Kariri-Xocó”²⁵.

25 Para ler a respeito da história de vida de Kayrrá ver Venancio (2018, p. 138-140).

Por fim, o fazer dessa “união” é viabilizado justamente pelo Toré em que os Kariri-Xocó convidam os não indígenas a dançarem e cantarem com eles, seja em uma escola, em uma universidade, em feiras culturais e agroecológicas. Como diz uma letra Kariri-Xocó: “Tô cantando o meu Toré, porque gosto de cantar. E quem gosta do Toré, faça o favor de entrar”.

REFERÊNCIAS

ALARCON, Daniela Fernandes. O Retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia. Dissertação de Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. – Fredrik Barth. Tradução de Jonh Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000 [1969]. pp. 25-67.

FERNANDES, Ulysses. Fulkaxó: ser e viver Kariri-Xocó/ organizado por Ulysses Fernandes; Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. As múltiplas incertezas do toré. In. Toré: regime encantado do índio do Nordeste / Organizador: Rodrigo de Azeredo Grunewald. – Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp. 13-33.

HOHENTHAL JR., W. D. “As Tribos Indígenas do Médio e Baixo São Francisco”. Revista do Museu Paulista (nova série), 1960, XII:37-86.

MATA, Vera Lucia Calheiros. A semente da terra: identidade e conquista territorial por um grupo indígena integrado. – Maceió: EDUFAL, 2014.

NASCIMENTO, Marco Tromboni de S. Toré Kiriri: o sagrado e o étnico na reorganização coletiva de um povo. In. Toré: regime encantado do índio do Nordeste / Organizador: Rodrigo de Azeredo Grunewald. – Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp. 39-69.

MOTA, Clarice Novaes da. Performance e significações do Toré: o caso dos Xocó e Kariri-Xocó. In. Toré: regime encantado do índio do Nordeste / Organizador: Rodrigo de Azeredo Grunewald. – Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp. 173-186.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Mana 4(1):47-77, 1998. pp. 48-77.

_____. Prefácio. In. Toré: regime encantado do índio do Nordeste / Organizador: Rodrigo de Azeredo Grünewald. – Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005. pp. 9-11.

PEREIRA, Edmundo. Música indígena, música sertaneja: notas para uma antropologia da música entre os índios do Nordeste. In. A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. João Pacheco de Oliveira [org.]. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. pp. 577-603.

SANTOS, Hosana Celi Oliveira de. Dinâmicas Sociais e Estratégias Territoriais: Organização Social Xukuru no processo de Retomadas. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco – Recife. 2009.

VENANCIO, Manuela Machado Ribeiro. Os Kariri-Xocó do Baixo Rio São Francisco: organização social, variações culturais e retomadas das terras do território de ocupação tradicional. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense – Niterói. 2018.